

CORREIO DE DROGA III► Quando são apanhados, maioria fica em preventiva III► Não conhecem os chefes

Correm mais risco por menos lucro

■ Tânia Laranjo

Os correios de droga são uma importante figura no mercado do tráfico. São quem corre mais riscos e quem tem a menor perspectiva de lucro. E, face ao aumento do recurso a essa metodologia (no primeiro semestre de 2003 foram apreendidos mais de 300 quilos de cocaína, nos aeroportos de Lisboa e Porto), a Polícia Judiciária começa já a estudar o fenómeno. Um trabalho, que ainda está a ser ultimado na Judiciária, dá conta de que a maioria dos correios é proveniente da América do Sul (designadamente do Brasil e da Venezuela) e que fica pouco tempo no nosso país.

Os dados indicam também que a motivação da grande maioria é a possibilidade de melhorar a precária situação familiar, sendo também por isso utilizada gente com poucos estudos.

A perspectiva de lucro não é muito animadora. Segundo Carlos Costa, coordenador da DCITE, um correio recebe, em média, entre dois a quatro mil euros.

O risco, esse, é elevado. Mais de 95% dos indivíduos apanhados a tentar entrar no nosso país com qualquer droga são submetidos à medida de coacção mais gravosa da lei: prisão preventiva.

As quantidades habitual-



Foram apreendidos mais de 300 quilos de cocaína nos aeroportos

Organização providencia logística

III A organização providencia toda a logística necessária ao correio de droga. Eles compram o bilhete, tratam da emissão do passaporte, preparam a forma como a cocaína deve ser disimulada e escolhem até os locais onde o correio deve ficar alojado no país de destino. Os custos dessa operação são suportados pela organização que, depois, faz o pagamento faseado ao "empregado". Só metade é que é entregue, à saída.

mente apreendidas não são muito elevadas. Carlos Costa afirma que cerca de metade dos indivíduos apanhados transportava três quilos de cocaína.

Relativamente à organização da rede, o negócio volta a ser lucrativo, mas para os verdadeiros mentores do negócio. O correio raramente conhece o proprietário da droga e muitas vezes nem sequer sabe a quem deverá entregar o produto. Só o saberá quando se encontrar no país de destino, para evitar que denuncie o contacto, caso seja apanhado pela Polícia.

O mais normal, nesses casos, é o correio apenas conhecer o indivíduo que lhe pagou a viagem. É sempre um seu conterrâneo, que continua no país de origem, e que também raramente chega a ser incomodado pelas autoridades policiais.

ENTREVISTA // CARLOS COSTA

Droga sintética com novas rotas

Responsável da PJ no combate ao tráfico preocupado com novos membros da União Europeia

[Jornal de Notícias] A Polícia Judiciária tem manifestado preocupação com o aumento do consumo das drogas sintéticas. Mas o decréscimo das apreensões não pode indicar a diminuição desse mesmo consumo?

[Carlos Costa] As apreensões nem sempre são o melhor indicador. No caso do ecstasy, temos a convicção que o consumo tem vindo a aumentar, nomeadamente nos meios universitários, como os pólos de Vila Real e Évora. São circuitos onde há uma grande aceitação do consumo de tais substâncias.

A PJ possui indicadores seguros relativamente a tais índices?

Não. O que temos são as nossas convicções baseadas na experiência e no dia-a-dia. Actualmente, desde que o consumo deixou de ser criminalizado, não dispomos de qualquer dado. Não recebemos informação, nem do presumível consumidor nem da substância apreendida. Um problema que, mais tarde ou mais cedo, terá de ser resolvido. Porque é importante conhecermos o tráfico interno.

Falou dos pólos universitários. Sem indicações de consumo, como é possível detectar os aumentos?

Aí, utilizamos os dados que possuímos relativamente às apreensões. O que temos verificado é que o aumento do tráfico interno se verifica no interior do país. É onde se concentra o maior número de jovens, que cada vez mais utilizam a técnica de fazer uma colecta entre eles e vir a Lisboa comprar ecstasy ou haxixe para o resto da semana.

O haxixe sempre foi uma droga com grande implementação nos circuitos estudiantis....

Só que hoje é diferente de há 15 anos. A qualidade do haxixe que circula no mercado é completamente diferente. A concentração da droga é muito maior e os efeitos já não são tão inofensivos. O produtor tem vindo a especializar-se.

Sendo o ecstasy uma preocupação da PJ, as rotas já detectadas transformam a Holanda no país de eleição para a confecção da substância?

Para já, a realidade que conhecemos é essa. O MDMA é



Os jovens fazem uma colecta e compram droga em Lisboa para toda a semana



feito na Holanda e na Alemanha. Também há casos na Bélgica, mas os mercados percursores dos novos países, que podem entrar brevemente na União Europeia, preocupam-nos, pelo menos ao nível das drogas sintéticas.

São países potencialmente produtores?

São países pobres, o que é preocupante. O negócio da droga é lucrativo e a Polónia, por exemplo, já nos aparece como um dos locais onde existe um grande número de laboratórios que produzem ecstasy.

Mas serão os países de Leste genericamente perigosos, em termos de fluxo de droga?

Não há dúvidas de que tem havido um aumento dos laboratórios, tal como também tem havido algum desvio das rotas. Os albaneses, por exemplo, controlavam muito o tráfico de drogas, mas as rotas têm-se mudado para a Ucrânia. E daí seguem depois para a Holanda e Alemanha, até porque são duas grandes comunidades de acolhimento de naturais daquele país.

As rotas depois voltam a repetir-se. Da Holanda para Portugal?

Sim. E com a particularidade de utilizarem também a mesma metodologia. Nota-se que a comunidade cabo-verdiana, com forte implementação na Holanda, acaba por fazer a ponte com o nosso mercado. de também há uma grande implementação dessa comunidade.

E relativamente à quebra da venda de heroína. É uma realidade portuguesa ou europeia?

Não temos dados seguros da Interpol e da Europol, mas acreditamos que a diminuição da oferta é geral. A guerra no Afeganistão destruiu a maioria da plantação da papoila e o mercado europeu, nomeadamente holandês e turco, teve de se virar para as drogas sintéticas. Em grande escala. T.L.

Métodos

■ TERRESTRE

Malas com droga e sem dono

Um dos métodos que começa a ser vulgarmente utilizado pelos traficantes que utilizam as rotas terrestres é transportar a droga em autocarros expresso. Aí, ariscam muito pouco, atendendo a que a bagagem não possui qualquer informação sobre o seu proprietário. O que já não acontece nos aviões, onde a bagagem está sempre relacionado com um passageiro. A Polícia Judiciária acredita ser este um dos métodos em forte crescimento, tendo-se já verificado casos em que os passageiros abandonaram o autocarro antes do final do percurso, deixando também as suas malas, por suspeitarem da intervenção da Polícia.

■ AÉREO

Da PJ transferidos para o hospital

A cocaína que chega ao nosso país por via aérea vem normalmente disimulada nas malas de viagem. No entanto, também há muitos casos onde o traficante ingeriu o produto, sendo que, nessas situações, é imediatamente transferido das instalações da polícia para o hospital mais próximo. Os riscos de tal forma de transporte são elevados, mas o método continua a ser bastante utilizado. No caso das drogas não estarem devidamente acondicionadas e rebentarem no estômago do "correio", podem levar à morte por envenenamento, em poucos minutos. Outra das formas normalmente utilizadas também é colar a droga ao corpo, em cintas presas com fita adesiva.

■ MARÍTIMO

Falsas cargas escondem droga

A droga transportada por via marítima é normalmente camuflada em grandes contentores. Parte da mercadoria não esconde droga, o que muitas vezes dificulta a sua detecção. Exemplos disso não faltam. Como também é verdade que as cargas utilizadas são as mais variadas. Há dois anos, em Leixões, um contentor de triângulos de sinalização estava recheado de droga. Foi uma das maiores apreensões da PJ do Porto, mas obrigou a algum pragmatismo por parte dos responsáveis alfandegários. É que as primeiras dezenas de triângulos nada tinham. Só depois de destruírem a primeira centena é que começou a aparecer a cocaína. Em quantidades que ultrapassou a tonelada.